



EDITORIAL

É possível a transformação social?
Is the social change possible?

Rodrigo Otávio Moretti-Pires

Douglas Francisco Kovaleski

Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva

Universidade Federal de Santa Catarina

Campus Universitário - Trindade

Florianópolis (SC) - Brasil

CEP 88040-900

Telefone: (48) 3974 - 9388

rodrigo.moretti@ufsc.br

douglas.kovaleski@ufsc.br

“(…) o próprio indivíduo reproduz e perpetua os controles externos exercidos pela sociedade” (Herbert Marcuse, 1966, p.30).

A deflagração de diversos movimentos em prol da consolidação da cidadania e dos direitos é uma marca do nosso século. Paralelamente, ve-se um esgotamento das esperanças de transformação social, com ampla divulgação na mídia, seja em âmbito local ou internacional.

Qual são as possibilidades reais de transformação social?

Paralelamente, no campo das ciências, grandes questões rodeiam as certezas de que a desigualdade existe, que é injusta e que o ser humano sofre. Mas para que fins produzimos ciência?

Marcuse também defende que o atual estado da Sociedade paralisa a crítica e domestica qualquer forma de luta contra a corrente de interesses do modo de produção, mesmo entre os mais esclarecidos, de forma que, seja em qual

estrato social encontre-se o sujeito, há versões previamente escolhidas dos mesmos padrões de mídia, oportunidades e tecnologia, para o desfrute dos mais variados seres humanos, dando-lhes a sensação de identidade e de liberdade, ilusões que o autor refuta em sua obra.

Entretanto, não podemos discorrer sobre valores se não soubermos de que categoria se está tratando.

Mas qual é a posição que o valor ocupa? Para Platão, por exemplo, a Justiça, a Beleza e o Bem eram entidades anteriores aos seres humanos, pois os homens apenas poderiam adotar os valores já construídos. Para Aristóteles a virtude era um bem, considerado como algo objetivo, do mesmo modo que o “imperativo categórico” de Kant, na condição de um valor moral. Para os

autores supracitados, o que é moralmente devido não depende da vontade humana.

Max Scheler defendeu que os valores tinham uma condição de existência especial, em caráter de subjetividade. Nesse mesmo sentido, pode-se identificar o pensamento de Nietzsche, que caracterizou o homem como “o valorador”, de Sartre, que considerava a liberdade o único valor moral.

Da mesma forma, o juízo de justiça ou injustiça de uma determinada situação depende do conjunto das relações sociais em que ela se dá. Pois a história, os costumes e o conjunto das relações econômicas e sociais compõem o substrato que motiva e direciona o valor.

Agnes Heller defendia que o tempo de trabalho não era o valor humano de interesse para a transformação da sociedade, mas sim o tempo livre dedicado à realização humana e autonomia de ação.

A ciência é a base do novo, e o exercício de projetar o futuro inevitavelmente passa pelo valor.

Agora, é preciso ter ciência do processo histórico que está envolvido na construção de valores sociais. Para atuar com paciência histórica nos processos educativos e participativos envolvidos na base de construção política e ideológica dos valores.

Com base no exposto, é preciso afirmar que a transformação social é o valor que sempre deve ser perseguido em uma sociedade injusta. Afinal, a justiça social é um valor para a ciência? Ou apenas uma idéia que se limita ao discurso?

Portanto, mãos à obra! Esta edição da Revista Saúde e Transformação Social parte para ação, e traz as pesquisas que de alguma forma atuam no sentido da mudança, destacando-se alguns trabalhos.

O primeiro artigo trata da metodologia Hermenêutica Dialética como instrumento de transformação social, o segundo trata de uma prática educativa transformadora sobre um agravo específico, enfatizando a abordagem dialógica.

Na sequência, é tratado sobre as tecnologias do cuidado domiciliar, promovido pelo profissional técnico em enfermagem. Em

seguida aborda concepções de saúde e de doença, trata da avaliação um programa prevenção à pediculose e para finalizar, é tratado sobre uma pauta para a pesquisa e para a gestão em saúde a partir da concepção de redes de cuidado, onde são questionados os valores associados à gestão do trabalho em saúde numa perspectiva crítica.

Voltando à pergunta inicial, das possibilidades concretas da transformação social que podem ser auxiliadas pela ciência: é preciso estimular, divulgar e analisar todas as propostas transformadoras e saber que é somente por um processo histórico crítico é que podemos semear o gérmen da transformação que vai enchendo corações e mentes de valores e sonhos, até que seja possível uma vida melhor e livre de injustiças, na contra corrente de um mundo que só reafirma a não possibilidade de transformação social.